

“Jasper!”, disse o Sr. Bankes. Voltaram-se para onde voaram os estorninhos, por sobre o terraço. Seguindo a célere debandada dos esvoaçantes pássaros no céu, atravessaram a abertura na sebe, quase esbarrando no Sr. Ramsay, que disparou tragicamente na direção deles: “Alguém tinha falhado!”.

Seus olhos, embaciados de emoção, desafiadores, com uma carga de intensidade trágica, encontraram os deles por um segundo, e tremularam, à beira do reconhecimento; mas, depois, levantando a mão, a meio caminho do rosto como que para evitar, para descartar, num paroxismo de caprichosa vergonha, o olhar normal deles, como se lhes implorasse que suspendessem por um instante o que ele sabia ser inevitável, como se lhes remarcasse seu próprio ressentimento pueril pela interrupção, contudo, mesmo no instante da descoberta, ele não ia se deixar destroçar inteiramente, mas estava determinado a se aferrar a algo dessa deliciosa emoção, dessa rapsódia impura de que se envergonhava, mas com que se deleitava – ele se voltou abruptamente, fechando-lhes sua porta pessoal; e, Lily Briscoe e o Sr. Bankes, olhando constrangedoramente para o céu, observaram que o bando de estorninhos que Jasper tinha desalojado com sua arma tinha se estabelecido no topo dos olmos.

5

“E mesmo que amanhã não faça bom tempo”, disse a Sra. Ramsay, levantando os olhos para ver William Bankes e Lily Briscoe passarem, “fará num outro dia. E agora”, disse ela, pensando que o charme de Lily estava nos seus olhos chineses, obliquamente dispostos em seu rostinho pálido e franzido, mas era preciso um homem inteligente para percebê-lo, “e agora levante-se e me deixe medir sua perna”, pois eles podiam, afinal, ir ao Farol, e ela precisava conferir se a meia não deveria ter uma polegada ou duas a mais.

Sorrindo, pois uma ideia admirável passou-lhe pela cabeça neste exato momento – William e Lily deveriam se casar –, ela pegou a meia mesclada de tons de urze, com as agulhas de aço que se entrecruzavam no punho, e mediu-a contra as pernas de James.

“Meu querido, fique quieto”, disse ela, pois, em seu ciúme, não lhe agradando servir de unidade de medida para o menininho do faroleiro, James se remexia de propósito; e se ele se remexesse, como conseguiria ela saber se estava muito comprida, se estava muito curta? perguntou ela.

Ela ergueu os olhos – de que demônio estava possuído, o seu caçula, o seu amado? – e viu a sala, viu as cadeiras, achou-as terrivelmente gastas. Suas entranhas, como disse Andrew outro dia, esparramavam-se todas pelo assoalho; mas, depois, qual era a vantagem, perguntou, de comprar boas cadeiras para deixá-las aqui se deteriorando por todo o inverno quando a casa, com apenas uma velha senhora para tomar conta, com certeza destilava umidade? Não importa, o aluguel era precisamente dois pênis e meio; as crianças adoravam-na; fazia bem ao marido ficar três mil ou, se quisesse ser precisa, trezentas milhas longe de sua biblioteca e de suas conferências e de seus discípulos; e havia lugar para as visitas. Capachos, camas de campanha, meros resquícios de cadeiras e mesas cuja vida útil em Londres chegara ao fim – tudo isso cumpria sua função aqui; e uma fotografia ou duas, e livros. Os livros, pensou, aumentavam sozinhos. Nunca tinha tempo para lê-los. Ai, ai! até mesmo os livros que lhe foram presenteados, com dedicatórias do próprio poeta: “Para aquela cujos desejos são ordens...”, “A mais feliz das Helenas de nossa época...”, que vergonha, ela nunca os lera. E Croom, sobre a mente, e Bates, sobre os costumes dos selvagens da Polinésia (“Meu querido, fique quieto”, disse ela) – nenhum deles podia ser enviado para o Farol. Num certo momento, imaginava, a casa ficaria tão deteriorada que algo teria de ser feito. Se fosse possível ensiná-los a limpar os pés e não trazer a praia para dentro com eles – já seria uma grande coisa. Caranguejos ela tinha que permitir, se Andrew realmente quisesse dissecá-los, ou se Jasper achasse que se devia fazer sopa de algas não se podia impedi-lo; ou os objetos de Rose – conchas, juncos, pedras; pois eram cheios de talentos, os seus filhos, mas, cada um à sua maneira, bem diferentes. E o resultado era que, suspirou ela, abrangendo com o olhar a sala toda, do chão ao teto, enquanto mantinha a meia contra a perna

de James, as coisas ficavam cada vez mais deterioradas de um verão para o outro. O capacho estava ficando desbotado; o papel de parede estava se soltando. Não dava mais para dizer que havia rosas ali. Mas se as portas ficam todas abertas, e se nenhum chaveiro, em toda a Escócia, consegue consertar um ferrolho, as coisas acabam se estragando. De que valia deixar um xale verde de caxemira jogado na quina de um quadro? Em duas semanas ficaria da cor de sopa de ervilha. Mas eram as portas que mais lhe incomodavam; ficavam todas abertas. Pôs-se à escuta. A porta da sala de estar estava aberta; a porta do vestibulo estava aberta; pelo som, as portas dos quartos estavam abertas; e certamente a janela que dava para o patamar da escada externa estava aberta, pois ela mesma a tinha aberto. Que as janelas deviam ficar abertas e as portas, fechadas – uma coisa simples como essa nenhum deles conseguia lembrar? Ela entrava nos quartos das criadas à noite e as encontrava vedadas como fornos, exceto a de Marie, a garota suíça, que era mais fácil ficar sem banho do que sem ar fresco, mas, lá, na sua terra, ela havia dito, “as montanhas são tão bonitas”. Ela havia dito isso na última noite, olhando pela janela, com lágrimas nos olhos. “As montanhas são tão bonitas”. Seu pai estava à morte lá, a Sra. Ramsay sabia. Ia deixá-las órfãs. Reprendendo e mostrando (como fazer uma cama, como abrir uma janela, com mãos que se fechavam e se abriam como as de uma francesa), tudo se dobrara serenamente em volta dela, quando a garota falou, tal como, após um voo através dos raios do sol, as asas de um pássaro se dobram serenamente e o azul de sua plumagem muda do aço brilhante para o púrpura suave. Ela ficara ali parada, silenciosa, pois não havia nada para ser dito. Ele tinha câncer na garganta. Diante da lembrança – que ela ficara ali parada, que a garota tinha dito: “Na minha terra, as montanhas são tão bonitas”, e que não havia esperança, absolutamente nenhuma esperança, ela teve um espasmo de irritação, e falando bruscamente, disse a James:

“Fique quieto. Não seja chato”, para que ele logo percebesse que sua severidade era real e endireitasse a perna para ela poder tirar a medida.

A meia estava curta demais, meia polegada ao menos, mesmo considerando o fato de que o garotinho de Sorley não estaria tão crescido quanto James.

“Está muito curta”, disse ela, “realmente curta demais.”

Nunca ninguém pareceu tão triste. Amarga e sombria, a meio-caminho da descida, no escuro, no poço que ia da claridade do sol à escuridão das profundezas, uma lágrima se formava, talvez; uma lágrima escorria; as águas se mexeram, para um lado, para o outro, receberam-na, e voltaram ao repouso. Nunca ninguém pareceu tão triste.

Mas não era nada além de aparência, diziam as pessoas? O que havia por detrás – de sua beleza e esplendor? Tinha ele estourado os miolos, tinha ele morrido na semana antes de casarem – um outro, um amor antigo, sobre o qual se ouviam rumores? Ou não havia nada? Nada além de uma incomparável beleza detrás da qual ela vivia e que ela nada podia fazer para alterar? Pois embora ela pudesse facilmente ter dito, em algum momento de intimidade, quando histórias de grande paixão, de amor frustrado, de ambição contrariada lhe eram contadas, que também ela, pessoalmente, conhecera ou sentira ou passara por isso, ela nunca falava. Sempre se calava. Pois ela sabia – sabia sem que lhe tivessem ensinado. Sua simplicidade fazia com que chegasse ao âmago daquilo que pessoas inteligentes falseavam. Sua candura mental fazia com que viesse direto de cima, como uma pedra, que pousasse com exatidão, como um pássaro, dando-lhe, naturalmente, essa precipitação e aterrissagem do espírito sobre a verdade que deleitava, acalmava, amparava – falsamente talvez.

“A natureza tem uma quantidade mínima daquela argila”, disse o Sr. Bankes uma vez, muito comovido pela voz dela ao telefone, embora ela só estivesse lhe contando um fato sobre um trem, “com a qual a moldou.” Ele a via no outro lado da linha, grega, olhos azuis, nariz reto. Como era incongruente estar telefonando para uma mulher assim. As Graças em reunião pareciam ter juntado as mãos em campinas de asfódelo para compor aquele rosto. Sim, ele pegaria o trem das 10:30 em Euston.

“Mas não tem mais consciência de sua beleza do que uma criança”, disse o Sr. Bankes, recolocando o fone no gancho e atravessando a sala para ver que progresso faziam os operários na obra de um hotel que estavam construindo nos fundos da sua casa. E pensava na Sra. Ramsay enquanto olhava para aquela agitação entre as paredes inacabadas. Pois, pensou, sempre havia algo de incongruente a se confundir com a harmonia de seu rosto. Ela enfiava um boné de caçador na cabeça; ela corria de galochas pelo gramado para impedir a travessura de alguma criança. De maneira que caso se pensasse apenas na sua beleza, devia-se levar em consideração a coisa palpitante, a coisa viva (eles estavam empurrando tijolos para cima de uma pequena tábua enquanto ele os observava) e inseri-la na moldura; ou, caso se pensasse nela simplesmente como uma mulher, devia-se atribuir-lhe alguma estranha idiosincrasia; ou supor algum desejo latente para se despir de sua forma de rainha como se sua beleza a aborrecesse e tudo o que os homens dizem da beleza, e ela quisesse apenas ser como as outras pessoas, insignificante. Ele não sabia. Ele não sabia. Devia voltar ao trabalho.)

Tricotando sua meia peluda de um marrom avermelhado, com sua cabeça absurdamente recortada pela moldura dourada, pelo xale verde que ela tinha jogado sobre a quina do quadro e pela obra-prima autenticada de Michelangelo, a Sra. Ramsay amaciou o que tinha havido de ríspido em sua atitude um momento antes, levantou a cabeça de seu garotinho e beijou-o na testa. “Vamos procurar outra figura para recortar”, disse ela.

6

Mas o que acontecera?

Alguém tinha falhado.

Saindo de seu devaneio, ela deu significado a palavras que tinham ficado sem significado em sua mente por um longo espaço de tempo. “Alguém tinha falhado” – fixando os olhos míopes no marido, que agora chegava cada vez mais perto dela, olhou firmemente até que sua proximidade lhe revelou (a cantilena